

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

**A OPOSIÇÃO SILÊNCIO E INTERDITO NO FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM E
SUAS RELAÇÕES COM A IDEOLOGIA**

Noeli Tejera Lisbôa (UFRGS)

A escritura de Clarice Lispector tem sido denominada, por diversos críticos, como a *narração do indizível*, devido a forte insistência da escritora em se aproximar daqueles espaços de silêncio, próprios de toda experiência humana, impossíveis de serem simbolizados. No caminho oposto ao interdito, que visa o apagamento de determinados sentidos, o silêncio, enquanto real do discurso, tal como trabalhado na obra de Clarice, abre os sentidos, mostrando que há modos de significação que a linguagem não alcança e que, por permanecerem abertos, na obra da escritora, se prestam a múltiplas interpretações, deixando ao leitor a possibilidade de buscar seus próprios sentidos.

Este trabalho que Clarice desenvolve, em sua escritura, sobre/no silêncio, aproximando-nos do real, é, no entender de Roland Barthes, a própria essência da literatura. É pelo fato do real não ser representável e porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras, diz ele, que há uma história da literatura (Barthes, Roland. *O rumor da Língua*, 1989). A literatura seria assim, nesta perspectiva, o resultado do inconformismo do homem com relação ao fato de que há uma distância intransponível entre a experiência vivida e a linguagem.

A idéia da literatura como representação do mundo, que teve em Jean-Paul Sartre um de seus mais reconhecidos defensores, esbarra, portanto, na própria natureza da língua que é incapaz de representá-lo. Em vista disto, toda a aproximação do real, ou seja, daquilo que é impossível de ser simbolizado, passa por um trabalho sobre a língua, flexibilizando-a. É aí que o escritor faz seu trabalho na/sobre a História. *Mudar a língua*, diz Barthes, *é mudar a História* (Barthes, op.cit.,1989)

Na contramão do trabalho da ideologia dominante, que busca pela incessante repetição parafrástica criar a evidência do sentido, o silêncio cria espaços de reflexão e de deslizamentos de sentidos, mostrando que não há nem sentido único, nem literal. Neste sentido, a escritura de Clarice Lispector se revela um campus profícuo para a análise das relações entre silêncio, linguagem e ideologia, bem como da oposição existente entre silêncio e interdito, ou silêncio e silenciamento.

Na Análise do Discurso, este funcionamento do silêncio, como real do discurso, foi teorizado por Eni Orlandi (*As formas do silêncio*, 1997) e é fundamento da própria AD, tal como elaborada por

Michel Pêcheux, uma vez que o silêncio rege a operacionalidade de todas as noções-chaves com que a teoria trabalha: sujeito, sentido, discurso, interdiscurso, gesto de interpretação, heterogeneidade, e condições de produção, entre outras.

E é, ao fazer uma crítica da linguagem, através do trabalho do silêncio, que a escritura de Clarice Lispector se aproxima dos pressupostos teóricos da AD. Inerente a todo o funcionamento da linguagem e por isto mesmo fundante, o real do discurso tem, na arte, de modo geral, e na literatura, de modo específico, um espaço privilegiado para operar como uma crítica à ideologia, demonstrando a opacidade da linguagem e o modo como a sua suposta transparência é construída pelo silenciamento de muitos sentidos. Desenvolvendo-se como uma crítica à linguagem, a literatura de Clarice Lispector é espaço privilegiado para a análise do silêncio enquanto real do discurso e mantém uma forte interseção com a Análise do Discurso, uma vez em que esta se propõe a ser uma teórica crítica da linguagem.